

Porto de Valletta em Malta

A estampa, a que se refere esta breve noticia, representa a entrada do porto do norte da Valletta na ilha de Malta.

A ilha de Malta dista 58 milhas do ponto mais proximo da Sicilia, e 179 do Cabo Demas, o ponto mais proximo do continente africano. Tem 17 milhas e um quarto no seu maior comprimento, 9 e um quarto na sua maior largura, e 44 de circumferencia.

A historia da ilha de Malta é summamente curiosa e interessante; mas nesta occasião apenas fallaremos do porto da Valletta, como o requer a nossa estampa. — A ilha de Malta contém dois portos principaes do lado de sueste, que são separados por uma lingua de terra de milha e meia de extensão, sobre a qual está o forte de San Telmo e o pharol, dominando a entrada de ambos os portos. Na mais vantajosa posição está assente a moderna cidade de Valletta, que é a sede do governo e a cidadella da ilha, defendida por fortificações extraordinarias e pasmosas. Para o lado opposto do grande porto ha tambem obras consideraveis de fortificação, entre os quaes sobresae o poderoso castello de Santo Angelo. — O grande

porto, que fica para o lado oriental da ilha, é bastantemente extenso, tem boa entrada, e é fortemente defendido pelo castello Ricasoli, fronteiro de San Telmo, — crusando ambos os fogos. Ha neste porto tres angras, que são outros tantos portos, com a capacidade necessaria para conter muitos navios de guerra. Em uma destas angras está o arsenal, com todas as suas dependencias. — Em um ponto proeminente, fronteiro a Valletta, chamado Bighi, está o novo hospital de marinha, construido por votação do parlamento, — e é um dos principaes objectos que estão em volta daquelle bello porto. — O porto, para o lado occidental, chamado Marsamuschetto (palavra arabica que tanto quer dizer como — *lugar de abrigo* —), tem á sua entrada, defronte e muito perto do castello de San Telmo, um pequeno, mas muito forçado reducto, chamado o *Fort Tigné*. É este porto destinado propriamente para os navios que vem do Levante, ou dos paizes inficcionados de peste, e é por isso chamado vulgarmente o porto da quarentena, pois que tambem ali está o Lazareto, o maior estabelecimento desta natureza no Mediterraneo. — O todo da costa do sul da ilha é por

sua natureza inacessível, pois que os rochedos se alevantam perpendicularmente muitos centos de pés acima do mar. A ilha apresenta um declivio do sul para o norte.

A DAMA DE ESPADAS

(Novella russa de Pouchkine)

(Continuado de pag 276)

IV

Isabel entrára no seu quarto e lançára-se, assim como estava, sobre uma poltrona, e ali ficára tomada de profunda melancolia. Apenas entrou apressou-se em despedir a sua creada dizendo-lhe que não precisava della naquella occasião, e que ella mesma se despiria; e dirigira-se para o quarto assustada com a idéa de ali encontrar Hermann, e desejando até que elle lá não estivesse. Um simples relance d'olhos bastou para que visse que o quarto estava dezerto, e Isabel agradeceu ao acaso o ter-lhe impedido aquella entrevista. Sentada, pensativa começou a passar em revista na memoria todas as circumstancias d'aquellas relações de tão poucos dias e que, apesar disso, a tinham já levado tão longe. Havia apenas tres semanas que ella vira, da sua janella, o official, e já elle lhe escrevera e obtivera della uma entrevista nocturna! E ella não sabia quem elle era; apenas lhe sabia o nome! Escrevera-lhe muitas cartas, mas nunca lhe fallára, e não conhecia ainda o som da sua voz. Coisa notavel, tinha sido naquella noite que, pela primeira vez, ouvira fallar em Hermann. Durante o baile Tomski desconfiou que a joven princeza Paulina**, a quem elle fazia a corte, galanteava, contra o seu costume, com um outro, e quiz vingar-se della affectando uma grande indifferença. Com este louvavel intento convidou Isabel para uma mazurka que parecia nunca ter fim; e dirigio-lhe muitos gracejos a respeito da sympathia que ella mostrava pelos officiaes de engenharia. Affectava elle saber muito mais do que realmente sabia, mas, algumas das suas palavras foram tão certas que, por mais d'uma vez, Isabel desconfiou que o seu segredo estava descoberto.

— Mas, emfim, disse ella sorrindo, quem lhe contou isso?

— Quem m'o contou? Foi um amigo do tal official, um grande original.

— Quem é esse original?

— Chama-se Hermann.

Isabel não respondeu uma unica palavra. Sentira correr-lhe o corpo todo um calafrio.

— Oh! Hermann é um heroe de romance, acrescentou Tomski. É um homem que tem o perfil de Napoleão e a alma de Mephistopheles. Estou convencido que, pelo menos, lhe pezam na consciencia tres crimes. Mas, vejo que empallidece!

— Não é nada, doe-me a cabeça. Diga-me, o que lhe disse o tal Hermann? É assim que elle se chama, não é?

— Hermann está muito pouco contente com o seu amigo, o engenheiro que v. ex.º conhece, e

disse-me que, no lugar deste, procederia d'outra maneira. Parece-me que Hermann pensa em v. ex.º. Pelo menos vejo que elle ouve com extraordinario interesse as confidencias do seu amigo.

— Onde me vio elle?

— Na igreja, no passeio, quem sabe aonde? talvez no proprio quarto em que v. ex.º dormia. É capaz de tudo aquelle rapaz...

Naquelle momento, tres senhoras, que vinham para elles, convidaram a Tomski, segundo o costume daquella dança, a escolher o *esquecimento* ou a *saudade*, (1) e interromperam assim uma conversa que excitava tão dolorosamente a curiosidade de Isabel.

Aproveitando-se da occasião que nesta dança se offerece para se commetter uma infidelidade, Tomski escolhera a princeza Paulina, e houve então entre elles, durante as numerosas evoluções daquella figura e até chegarem á cadeira da princeza, grandes explicações. Quando voltou para junto do seu par, Tomski tinha-se já esquecido completamente de Hermann e de Isabel. Foi em vão que ella tentou reatar a conversação, a mazurka acabou-se e a fidalga levantou-se para sair.

As phrases mysteriosas de Tomski eram a mesma conversa banal de todas as mazurkas, mas, graças ás circumstancias em que se achava Isabel, tinham-se-lhe gravado profundamente no espirito. O retrato que Tomski lhe fizera do seu namorado era d'uma semelhança pasmosa, e, ajudada pela sua erudição romanesca, achára Isabel na physionomia, assás insignificante, do seu adorador, um não sei que, que a attraía, mas que, ao mesmo tempo, a assustava.

Ao entrar no quarto, a aia tirou machinalmente as luvas, sentou-se e ficou pensando e recordando-se, com a cabeça, ainda coroada de rosas, inclinada sobre o peito. De repente, abriu-se a porta, e Hermann entrou.

— Aonde estava? perguntou-lhe ella a tremer e sobresaltada.

— No quarto da condessa. Acabo de estar com ella: deixei-a morta.

— Meu Deus... o que?!

— E, parece-me, continuou Hermann, que fui eu o causador da sua morte.

Isabel fitou os seus olhos espantados no official e lembrou-se do que tinha dito Tomski: «Tem, pelo menos, tres crimes na consciencia.»

Hermann sentou-se junto da janella e contou-lhe tudo. Ouvio-o ella horrorizada. Não era o amor quem inspirára aquellas cartas tão apaixonadas, aquellas phrases tão ardentes. Tudo o que ella vira não era amor. O dinheiro, e só elle, é quem recebia as adorações daquelle homem. Poderia ella, pobre, rica apenas de coração, dar-lhe a felicidade? Pobre rapariga! O que era ella nas mãos d'um ladrão, do assassino da sua bemfeitora, senão um instrumento? Sentio a dôr do arrependimento e abun-

(1) Cada uma das senhoras toma para si um destes nomes. O cavalheiro escolhe d'entre elles um e executa uma figura com a senhora a quem elle pertence.

dantes lagrimas lhe inundaram o rosto. Hermann olhava-a silencioso; mas nem as lagrimas da infeliz, nem a sua belleza, que a dôr torpára ainda mais tocante, poderam enternecer aquella alma de bronze. Não sentia o mais leve remorso quando pensava na morte da condessa. Torturava-o só uma unica idea: a perda irreparavel do segredo, donde elle esperava a sua fortuna.

— Isso é monstruoso! disse-lhe Isabel voltando a si depois d'um longo silencio.

— É verdade que a condessa morreu, mas não era minha tenção mata-la; a prova disso está em que a pistola não estava carregada.

Recaio depois tudo no mesmo silencio. Os dois interlocutores daquella scena horrivel nem se viam nem se fallavam.

Era quasi dia, Isabel apagou a luz e a claridade baça da madrugada illuminou o quarto. Isabel voltou para Hermann os olhos marejados de lagrimas, e vio-o no mesmo sitio, ao pé da janella, com os braços cruzados sobre o peito e com as sobranceiras carregadas. Assomou-lhe, involuntariamente, á memoria o retrato de Napoleão, e aquella semelhança acabou de a prostrar.

— Como hade sair daqui? Lembrei-me que poderia sair pela escada furtada, mas teria de passar pelo quarto da condessa, e eu tenho muito medo...

— Basta que me ensine o caminho; eu irei bem sosinho.

Isabel levantou-se, procurou uma chave n'uma gaveta e entregou-a a Hermann, dando-lhe todas as indicações necessarias.

Hermann apertou-lhe a mão gelada, deu-lhe um beijo na testa, que ella inclinava, e saio. Desceu a escada de caracol e entrou no quarto da condessa. Estava hirta e sentada na sua cadeira; não havia a menor contracção na sua physionomia. O official parou diante della, e ali se demorou como para se certificar da terrivel realidade; entrou depois no quarto escuro e, apalpando a parede, descobriu a porta pequena que abria para uma escada. Enquanto descia atravessaram-lhe o espirito ideas estranhas. Naquella mesma escada, dizia Hermann consigo, e sessenta annos atraz, poder-se-hia surprehender, áquella mesma hora, saindo tambem daquelle mesmo quarto, algum amante feliz, penteado *à ave real* e apertando, de encontro á sua casaca bordada, o chapéo tri-corne. Devia já estar morto, de ha muitos annos, esse mortal bemaventurado, e, naquella noite, a morte tinha-lhe enviado a amante de outros tempos. Tudo era já passado naquella casa.

No fim da escada, o fugitivo encontrou outra porta, que abriu com a mesma chave. Achou-se n'um corredor, e, dentro em pouco, estava na rua.

V

Tres dias depois daquella noite fatal, ás nove horas da manhã, entrava Hermann no convento de *** onde se haviam de celebrar ás exequias da condessa.

Apesar de o não atormentarem os remorsos,

não podia elle esconder a si proprio que era o assassino da condessa. Era muito supersticioso, como costumam ser os que não teem fé. Persuadiu-se que a fidalga morta podia ter uma influencia má sobre a sua vida, e imaginou que applicava os seus manes assistindo ao funeral.

A igreja regorgitava de povo e custou-lhe, por isso, muito a achar logar. O caixão estava collocado sobre uma rica eça, sob um docel de veludo. A condessa tinha as mãos postas sobre o peito. O vestido era de setim branco e envolvia-lhe a cabeça um toucado de rendas. A roda da eça estava reunida a sua familia: os creados trajando um cafetan preto com um laço de fita no hombro tendo as armas da casa; os parentes de luto pesado; de todos que se achavam ali, filhos, netos, e bisnetos, ninguem chorava: as lagrimas passariam por affectação. A idade da defunta era tal que a sua morte não devia surprehender a ninguem, e, desde muito que já a consideravam como não pertencendo a este mundo. Foi encarregado da oração funebre um pregador celebre. Em poucas palavras simples, mas tocantes, pintou o orador o apartamento final do justo, que passou longos annos esperando e preparando-se para uma morte digna d'um christão. «O anjo da morte arrebatou-a, disse o padre, no meio do arroubamento das suas meditações piedosas e quando ella esperava o noivo da meia noite.» Terminado o serviço funebre, no meio do recolhimento geral, vieram os parentes despedir-se da morta, e, em seguida a estes, todos os convidados para aquella cerimonia se inclinaram, pela ultima vez, diante da que, por tantos annos, elles tinham olhado como o desmancha-prazeres das suas festas. Veio, em ultimo logar, a familia da condessa em que se notava uma velha governanta, da mesma idade da defunta, e que vinha pelo braço de duas creadas. Faltou-lhe a força para se ajoelhar, mas as lagrimas rebentaram-lhe dos olhos, ao beijar a mão da sua antiga ama.

Chegou a vez de Hermann, que se dirigio á eça. Ajoelhou um instante sobre as lages junçadas de ramos de pinheiro; depois, ergueu-se, e, pallido como a morte, subio os degrãos; ia inclinar-se quando, de repente, lhe pareceu ver que a condessa estava olhando para elle em modo de zombaria e piscando os olhos. Hermann recuou precipitadamente, perdeu o equilibrio e caio. Ao mesmo tempo, e quando o levantavam do chão, Isabel caio no adro da igreja, sem sentidos.

Este episodio perturbou, por algum tempo, a pompa da cerimonia funebre; os assistentes cochichavam e um chochinha d'um camarista, parente proximo da condessa, resmungou ao ouvido d'um inglez que estava ao pé delle: — «Aquelle official é filho da defunta; de casamento de mão esquerda, já se sabe.» Ao que o inglez respondeu: — Oh!

O resto do dia passou-o Hermann incommodado. Ao jantar bebeu muito mais do que o seu costume, para ver se se animava, mas o vinho escandecceu-lhe a imaginação e deu-lhe nova activi-

dade ás idéas que já o preocupavam. Chegou a casa cedo, deitou-se vestido, e adormeceu logo, tomado d'um somno pesadissimo.

Quando acordou era alta noite e a lua allumia-va-lhe o quarto. Faltava um quarto para as tres horas. Como já não tinha somno, sentou-se na cama e começou a pensar na condessa. Naquella occasião ouviram-se passos de alguém que se aproximava da janella, como para olhar para dentro, mas depois os passos afastaram-se. Hermann sentio-os, mas não lhes prestou grande attenção. Decorrera apenas um minuto, quando ouviu abrir a porta da sua ante-camara, mas julgou que seria o seu camarada que, bebado, conforme costumava, voltava d'alguma excursão nocturna. Desenganou-se, porém, quando notou que não eram os passos do soldado, e que não conhecia aquelle andar. No sobrado da ante-camara sentia-se um ligeiro ruído de chinellas arrastando, e uma mulher, vestida de branco, abriu a porta do quarto e entrou. Hermann imaginou que seria a sua velha aia, e perguntou a si mesmo o que poderia trazel-a a casa d'elle áquella hora da noite; porém, a recém-chegada, atravessando rapidamente o quarto, achou-se ao pé de Hermann. Elle reconheceu-a então; era a condessa!

— Venho aqui contra minha vontade, disse com voz firme; porém, sou obrigada a deferir á tua supplica. As cartas são: o trez, o az e o sete, jogadas nesta ordem, e uma por cada vez, mas não has de jogar mais d'uma carta em cada dia, e, passados os tres dias, em toda a tua vida, nunca mais has de jogar. Perdôo-te a minha morte, com a condição de que casarás com a minha aia Isabel Ivanowna.

Ditas estas palavras dirigio-se para a porta, e tornou-se a ouvir o arrastar das chinellas pelo sobrado da ante-camara.

Hermann ouviu fechar a porta da rua, e uma figura branca passar e parar defronte da janella para olhar para elle.

O nosso heroe ficou aturdido por algum tempo; depois, levantou-se, e foi á ante-camara. O camarada, bebado, como sempre, dormia estirado no chão. Acordou, a muito custo, mas não deu a seu amo, a minima explicação do caso. A porta da rua estava fechada á chave.

Hermann recolheu-se ao seu quarto, e tratou de pôr por escripto todas as circumstancias da sua visão.

VI

No mundo intellectual, não podem coexistir duas idéas fixas, do mesmo modo que, no mundo physico, o mesmo espaço não pôde ser occupado por dois corpos ao mesmo tempo. O trez, o sete e o az, varreram completamente da memoria de Hermann a recordação dos ultimos momentos da condessa Anna. A toda a hora lhe accudiam á memoria e aos labios os nomes das tres cartas.

Se encontrava na rua alguma joven elegante, exclamava: — «Que linda figura! Que airoso talhe! Parece-me mesmo um trez d'oiros!»

Se lhe perguntavam que horas eram, dizia: — «Sete d'espadas menos um quarto.»

Se via um homem gordo comparava-o com um az.

As tres cartas seguiam-no até nos sonhos e appareciam-lhe sob as formas mais extravagantes. O trez abria-se e parecia-lhe ver uma magnolia de grande tamanho. Os setes transformavam-se em portas gothicas; e via os azes suspensos como aranhas monstruosas. Todos os seus pensamentos concentravam-se n'um só ponto: como aproveitaria elle aquelle segredo que tão caro lhe custara? Lembra-se de pedir licença e ir viajar. Em Paris, por força, havia de encontrar alguma casa de jogo onde, em tres cartadas, faria a sua fortuna. Um acaso veio tiral-o destas hesitações.

Havia, em Moscou, uma sociedade de jogadores ricos, presidida pelo celebre Tchekalinski, que passara toda a sua vida a jogar e amontoara uma fortuna collossal, porque ganhava notas do banco e perdia só prata.

A sua casa magnifica, a sua meza admiravel, e as suas maneiras francas, tinham-lhe ganheado numerosos amigos e attraído a consideração de todos. Veio Tchekalinski a S. Petersburgo. A flor da nobreza correu a encher-lhe os salões, esquecendo os bailes pelo jogo e preferindo-lhe as commoções ás seducções do galanteio. Naroumof levou Hermann a casa do celebre jogador.

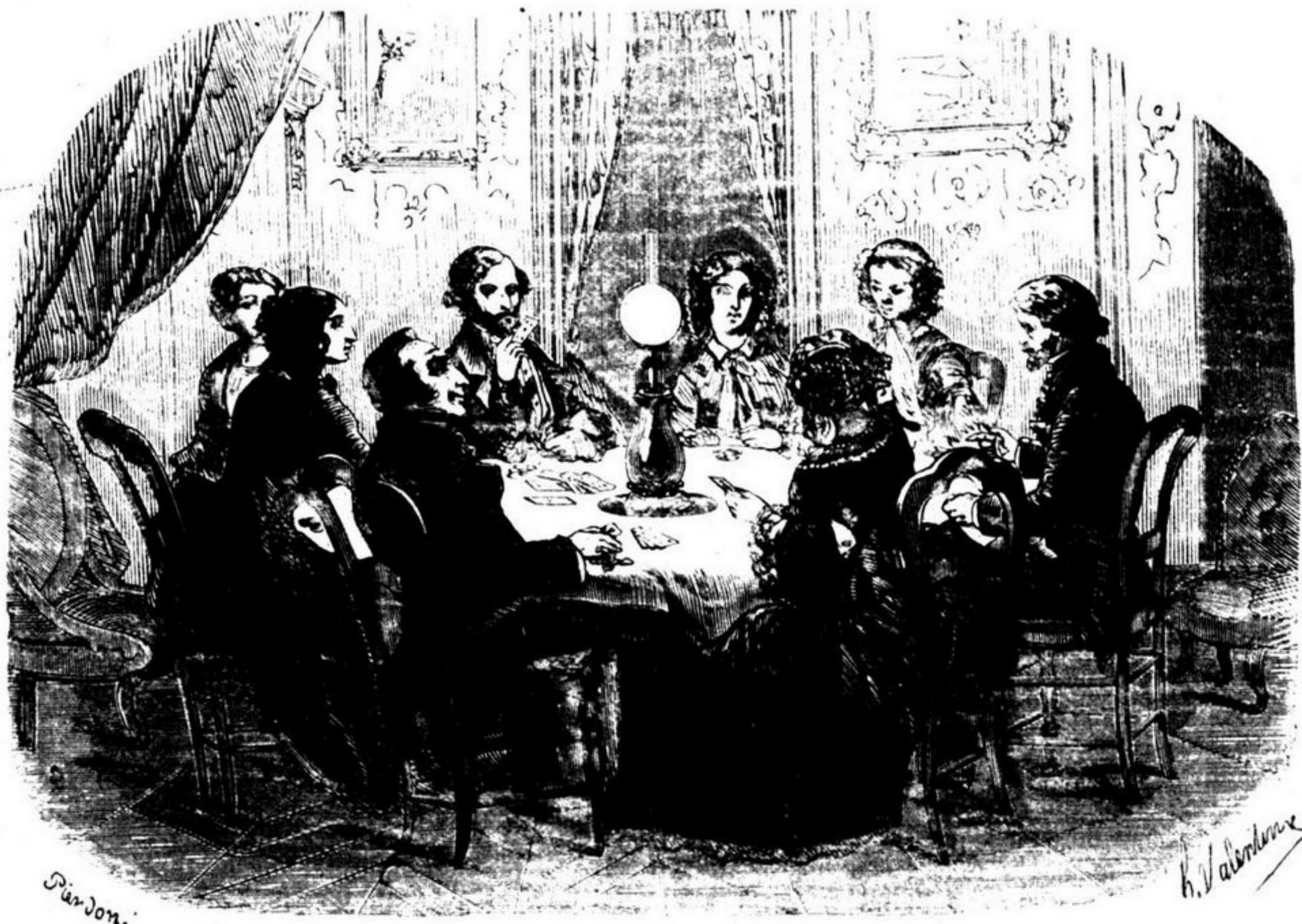
Atravessaram uma longa serie de casas cheias de creados attenciosos e diligentes. Os convidados enchiam todas as salas. D'um lado generaes e conselheiros jogando o whist, do outro mancebos estendidos em divans, tomando gelados e fumando em compridos cachimbos. No salão principal estava o dono da casa fazendo uma partida de pharaó, numa grande meza, que rodeavam mais de vinte jogadores. Tchekalinski era um homem de sessenta annos, de physionomia animada, agradável e nobre e com o cabello branco como a neve. Havia na cara daquelle homem sempre a mesma expressão de bom humor e de benevolencia e um sorriso perpetuo lh'a illuminava. Naroumof apresentou-lhe Hermann. Tchekalinski estendeu-lhe logo a mão, felicitou-o dizendo-lhe que era bemyindo naquella casa, acrescentou que ali não havia cerimonia de qualidade nenhuma, e continuou o jogo.

A talha demorou-se, porque os jogadores apontavam em mais de trinta cartas. A cada carta que saía, Tchekalinski interrompia o jogo para dar aos que ganhavam tempo de fazer parolim, pagava, ouvia com a maior attenção as reclamações, e, ainda com maior delicadeza, desmanchava as dobras que alguma mão distrahida fazia nos cantos das cartas.

Finalmente, acabou a talha; o banqueiro baralhou as cartas e ia principiar outro jogo.

— Permite que eu levante uma carta? disse Hermann estendendo a mão por cima da cabeça d'um homem que tomava, com a sua corpulencia, todo um lado da meza.

Tchekalinski, sorrindo, inclinou-se em signal de acquiescencia. Naroumoff complimentou Her-



O jogo

mann, rindo, por se ter acabado a sua austeridade, e desejou-lhe todas as venturas na sua estreia na carreira de jogador.

— Ah! vae! disse Hermann depois de ter escripto um numero nas costas da carta.

— Quanto? perguntou o banqueiro piscando os olhos. Peço perdão, mas eu não vejo bem.

— Quarenta e sete mil rublos, disse Hermann. A estas palavras ergueram-se todas as cabeças, e todos os olhares se fitaram em Hermann.

— Está doudo! disse Naroumof consigo.

— Peço licença para lhe observar, disse Tchekalinski com o seu perenne sorriso, que o seu jogo é um pouco forte. Não é costume apontar aqui mais de duzentos e setenta e cinco rublos.

— Mas, respondeu Hermann, aceita o meu jogo? Sim ou não?

Tchekalinski inclinou-se em mostra de assentimento.

— Queria fazer-lhe notar apenas que, comquanto eu tenha a maior confiança em todos que aqui estão, não posso talhar senão com dinheiro à vista. Estou plenamente convencido que a sua palavra vale ouro, mas, para a ordem do jogo e para a facilidade dos calculos, obsequiar-me ha muito collocando o dinheiro sobre a carta que escolheu.

Hermann tirou da algibeira uma nota e apresentou-a a Tchekalinski que, depois de a ter olhado um instante, a pôz em cima da carta, e depois

talhou. Saio à direita um dez, à esquerda um trez.

— Ganhei, disse Hermann mostrando a sua carta. Circulou pela sala um murmuro de admiração. As sobranceiras do banqueiro contraíram-se por um momento, mas o seu rosto retomou logo a sua serenidade habitual.

— Quer já receber? perguntou elle a Hermann.

— Sim, obsequie-me muito. Tchekalinski tirou um maço de notas da carteira, contou e pagou. Hermann recolheu o ganho e afastou-se da meza. Naroumof não podia acreditar o que via. O seu apresentado tomou um refresco e saio.

Na noite seguinte voltou. O banqueiro estava já à meza talkando. Hermann approximou-se, e, desta vez, os parceiros abriram logar para elle. Tchekalinski complimentou-o com um modo muito amavel.

Hermann esperou que elle principiasse um novo jogo, escolheu uma carta e pôz sobre ella quarenta e sete mil rublos e os que havia ganho na vespera. Saio um valete à direita e um sete à esquerda.

Hermann mostrou a sua carta; era um sete.

— Ah! exclamaram todos a um tempo. Tchekalinski não estava já à sua vontade. Contou noventa e quatro mil rublos e entregou-os a Hermann que depois de os receber com o maior sangue frio, levantou-se e saio.

No dia seguinte não faltou á mesma hora. Já todos o esperavam, e até os generaes e os conselheiros privados tinham deixado o seu whist para assistirem áquelle jogo tão extraordinario. Os officiaes haviam abandonado os divans, todos os que ali costumavam reunir-se enchiam a sala do jogo e rodeavam Hermann. Quando elle entrou todos os outros parceiros, impacientes de assistir á lucta entre os dois, tinham deixado de apontar. O banqueiro, pallido, mas sorrindo ainda, via Hermann aproximar-se da meza, disposto a jogar só contra elle. Cada um dos luctadores pegou num baralho de cartas. O banqueiro baralhou e Hermann cortou; depois o official escolheu uma carta e cobrio-a com um montão de notas. Dir-se-hia ós preparativos d'um duello. Reinava em toda a sala profundo silencio.

Tchekalinski talhou; tremiam-lhe as mãos. Á direita saio uma dama; a esquerda um az.

— Ganha o az, disse Hermann, e descobrio a sua carta.

— A sua dama perdeu; disse o banqueiro com um tom de voz assuearado.

Hermann estremeceu. Em lugar do az via diante de si uma *dame d'espadas*; não podia acreditar os seus olhos e não comprehendia como tinha podido enganar-se áquelle ponto.

Tinha os olhos fitos na carta funesta. Pareceu-lhe que a dama d'espadas piscava os olhos e sorria em ar de zombaria, e notou, com horror, uma semelhança estranha entre a figura da carta e a condessa Anna!...

— Maldita velha!

Emquanto Hermann rugia estas palavras, o banqueiro embolçava todo o seu ganho. Hermann ficou por muito tempo immovel, aniquilado.

— Que grande ponto! disseram os jogadores quando Hermann se afastou da meza; mas a conversação, que tomou uma certa animação, por causa deste incidente, parou logo. Tchekalinski baralhou as cartas de novo, e o jogo continuou, como se nenhum acontecimento extraordinario o tivesse interrompido.

CONCLUSÃO

Hermann endoideceu, e é o n.º 17 do hospital d'Oboukof. Não responde a coisa nenhuma e está sempre a dizer: — trez, sete, az — trez, sete, dama!

Isabel Ivanovna casou, ha pouco, com um interessante rapaz, filho do intendente da condessa, e que, alem d'um bom emprego, que exerce, é economico. Isabel chamou para a sua companhia uma parenta pobre, a quem educa.

Tomski foi promovido a chefe de esquadrão, e casou com a princeza Paulina.

RECORDAÇÕES LITTERARIAS

(Continuado de pag. 213)

É possivel que não desagradassem de todo as recordações litterarias publicadas no artigo I. Embalado por esta fagueira crença, animo-me a continuar a encetada tarefa, e tanto mais affouta-

mente, quanto a variedade dos pensamentos e conceitos, que neste humilde trabalho se encontra, é propria para produzir um certo deleite.

Preservasse-nos, porem, Deus de sómente querer deleitar! Não: ponho tambem a mira em proporcionar, nestes pequenos compartimentos, alguma utilidade, lembrando-me do preceito — sempre judicioso — do velho Horacio:

*Omne tulit punctum, qui miscuit utile dulci
Lectorem delectando, pariterque monendo,*

que o bem cohecido *Candido Luzitano* traduzio tão prosaicamente em verso:

Quem sabe pois fecer acção, que instrua,
E juntamente agrade, esse é que leva
O voto universal.

Em volta de escolhidos quadros, que successivamente vamos apresentando, fio do bom juizo dos leitores que não deixarão de reunir as reflexões, tão naturalmente suggeridas por esses mesmos quadros. O espirito e o coração, aspraiando-se pelas dilatadas campinas da reminiscencia e da cogitação, logram assim entreter-se agradável e utilmente.

MADAME DE STAEL

«M.^{me} de Stael, disse um-escrptor engenhoso, tinha cabeça de homem, e coração de mulher: *pensava como nós, sentia como ellas.*»

Não é possivel caracterisar melhor a celebre filha de Necker. A auctora de *Corina* e de *Delfina* compoz tambem as *Considerações sobre a revolução franceza*, e a *Allemanha*: nas duas primeiras obras brilha o *sentimento* da mulher, nas duas ultimas o *talento* do homem.—M.^{me} de Stael, que foi grande pelos seus escriptos, era ainda mais notavel na conversação; a tal ponto, que outra senhora, sua contemporanea, dizia: *Se eu fosse rainha, ordenava a M.^{me} de Stael que estivesse falando sempre!*

A IGNORANCIA

«A ignorancia é sempre um mal. O homem ignorante apresenta uma deploravel mistura de credulidade e de desconfiança: ninguem tão facilmente póde ser enganado como elle; mas tambem não ha pessoa alguma, que tão difficilmente se deixe persuadir ácerca dos seus verdadeiros interesses.»

Offerece-nos este enunciado Charles Renourard, nos seus estimaveis—*Éléments de morale*—; e tanto de sensatez avulta naquellas expressões, que sem grande esforço pensamos na obrigação impreterivel, que aos governos cabe, de fazerem espalhar a instrucção pelos povos, e levar a luz á intelligencia do homem — ainda o das ultimas fileiras da sociedade.

A DIVERSIDADE DOS HABITOS NAS DUAS POPULAÇÕES AGRICOLA E INDUSTRIAL

Li em Charles Lucas uma explicação, que muito me satisfiz, da diversidade dos habitos na população agricola—e na população industrial. Inclino-me a crer que tambem satisfará o espirito dos leitores. É a seguinte:

«O que ha de pouco variavel nos rendimentos da população agricola contribue para communicar-lhe habitos regulares; ao passo que a população industrial, entregue ás continuas variações do preço dos salarios, segundo o fluxo ou refluxo do tempestuoso mar do mundo commercial, é incessantemente movida a alargar, ou obrigada a restringir a esphera do consumo; e dessa transicção frequentissima do necessario para o superfluo, e do superfluo para o necessario, nasce uma vida irregular e desordenada, na qual, a toda a hora, ha mister abandonar, ou retomar habitos.»

Se assim é, digâmos á população agricola o que pensava o sisudo Sá de Miranda:

*Ó vida dos lavradores,
Se elles conhecessem bem
As aventagens que tem,
Aquelles santos suores
Que sanctamente os mantem;*

mas digâmos tambem á população industrial: Cultivando o virtuoso amor da familia e do trabalho, acostumae-vos ao espirito de ordem e de bem regulada economia, que faz reservar para os dias ruins o que póde sobejar dos dias felizes.

UMA CURIOSA MEDALHA

A medalha destinada a perpetuar a memoria da introduccção dos caminhos de ferro em França — é a maior das que antes hão sido cunhadas. Descrevamo-la:

Um dos lados da medalha representa dois genios que se arremecem no espaço, e por baixo uma planicie immensa, atravessada por *rail ways* e *wagons*. No meio está a Lei, pousada sobre um pedestal, tendo na mão um sceptro, e um grande livro aberto, no qual se lê: *Caminhos de ferro*. — No pedestal estão gravadas as seguintes palavras: *Lei de 11 de junho de 1843. Reinava Luiz Philippe*. Era ministro das obras publicas M. Teste, e sub-secretario de Estado M. Legrand. — A inscripção ou legenda, exprime o pensamento, de que os caminhos de ferro são tão prestaveis ao commercio como á guerra:

Dant ignotas Marti, novas que Mercurio alas.

O outro lado da medalha representa o busto do rei.

É grandiosa a medalha, e por extremo expressiva. Assim convinha que o fosse o meio da comemoração de um dos pasmosos inventos do seculo XIX.

UM DITO NOTAVEL A RESPEITO DA FRANÇA

Um estrangeiro espirituoso disse em 1788: *Não comprehendo que alguém tenha bastante coragem para ser rei de França.*

Matter observa que este dito era profundo, na época em que as instituições estavam em flagrante desharmonia com os costumes; mas que não podia ser considerado senão como um contrasenso em nossos dias. (1)

O estrangeiro recordava-se, certamente, de que Henrique III fora assassinado por um frade fanático — Jacques Clément —; Henrique IV

(1) De l'influence des mœurs sur les lois... par M. Matter. Paris. 1832.

Seul roi de qui le peuple ait gardé la mémoire.

foi assassinado pelo execrando Ravaillac; Luiz XV esteve a ponto de ser assassinado no dia 5 de janeiro de 1757 pelo feroz Damiens, que ainda o chegou a esfaquear.

Matter, porem, que escrevia na primeira metade do presente seculo, devia lembrar-se de que Luiz XVI morrera no cadafalso em 21 de janeiro de 1793; de que a vida de Napoleão I correra grande perigo por effeito de graves tentativas.

Matter entendia que entre a França de 1788 e a de 1830 havia um abysmo, sobre o qual era impossivel lançar uma ponte para retroceder áquelle. — Assim será; mas Luiz Philippe esteve umas poucas de vezes, no seu reinado de 18 annos, em perigo de perder a vida ás mãos de assassinos: em 1832, 1835, 1836, 1840, 1846. — No reinado de Luiz XVIII foi assassinado o duque de Berry por Louvel; Carlos X e Luiz Philippe não morreram no throno. O actual imperador dos francezes já, mais duma vez, vio attentar-se contra a sua vida.

Em nossos dias houve tambem attentados contra a vida da rainha de Hespanha, do imperador da Austria, do rei da Prussia, do imperador da Russia; mas attentados taes repetem-se em França, mais do que em parte alguma. — Esquecia-me tomar nota do assassinato do presidente dos Estados Unidos, Abrahão Lincoln, tão chorado em todo o mundo.

A LIÇÃO DO TUMULO DE LORD CHATAM

«Quando alguém vae hoje visitar Westminster, e pede que lhe mostrem o tumulo do grande Lord Chatam, espera, sem duvida, ler sobre a campa uma inscripção magnifica, como homenagem da admiração nacional; mas, em vez disso, lê apenas, gravadas no marmore as seguintes palavras: *O pae de M. Pitt.*»

Bem fez M. Villemain, e muito avisadamente andou, quando pôz em relevo esta circumstancia, que em verdade é muito ponderosa. Quem não verá neste facto, da parte de um dos grandes povos da terra, um incentivo poderoso para que os filhos procurem ser ainda mais illustres do que os paes?

— Não iremos hoje mais por diante; para outra occasião reservamos a continuação deste entretenimento litterario, moral e politico.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

HORACIO A NERA

(Epid. XV)

Era uma noite... lembras-tê?
brilhava o firmamento;
e á luz da lua pállida
ouvi teu juramento.

Abriste os braços languidos;
ao peito me apertaste,
como se abraça ás arvores
a hera; e assim juraste:

— «Emquanto — ouve e acredita-me —
em quanto o alvo cordeiro

fugir do lobo rabido,
do lobo carniceiro;
e o inverno negar treguas
à onda enfurecida;
e enquanto o sol esplendido
der luz, amor e vida:

eu juro, amigo, juro-te
que sempre deste peito
beijos virão aos lábios
em troca dos que aceito! —

Ai, Nera! o teu perjúrio
roubou minha alegria;
mas distillar-te lagrimas
hade uma dôr tardia!

Sim, hade, quando perfida
não aches, ao fugir-me,
em teus errados tramites
amor assim tão firme;

e eu busque, aceso em colera,
quem mais fiel me fale,
e me traduza em osculos
amor que o meu iguale!

Então, se a mim, se a victima
pedirem os teus prantos
perdão para o perjúrio...
não cedo aos teus encantos!

E tu, homem feliz, que em goso te exlalias,
libando beijos mil num rosto festival,
cospes na nuvem negra que me escurece os dias,
folgas co'a minha dôr, e ris do alheio mal!

Rico-bem sei que o és, e sabio entre os mais sabios;
belleza... vejo que és mais bello que Nireu;
mas, ah! virá um dia, em que seus tredos lábios
Nera inda os ceda a outro... e então me rirei eu!

CANDIDO FIGUEIREDO.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

Uma Primavera de Mulher. Poema em quatro cantos, por D. Maria Vaz de Carvalho, precedido de um Prologo (Conversa ao reposteiro) por Thomaz Ribeiro. Lisboa, Typ. Franco-portugueza, 1867.

Já no *Jornal do Commercio*, n.º 4119, de 21 de julho do corrente anno agradeçi o obsequioso presente deste poema; e agora passo a dar neste semanario uma noticia, méramente bibliographica (como é estilo), da estimavel produccão de uma senhora portugueza, a quem nos é muito grato repetir os louvores que merece.

A joven authora dedica o seu poema a seu pae, o sr. José Vaz de Carvalho, e apresenta-se diante do publico ao lado de um poeta de bom nome, o sr. Thomaz Ribeiro, a quem é devido o muito notavel e primeroso prologo, que precede o poema sob o titulo de — *Conversa ao reposteiro*, e que, do modo mais engenhoso e atractivo prepara o leitor para admirar o precoce talento da poetisa esperancosa.

A senhora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho nasceu no dia 2 de fevereiro de 1847. Conta, por con-

sequencia, apenas vinte annos de idade; e não é possível encarecer bastantemente o que póde esperar-se do seu talento, quando tão moça ainda tem capacidade para compôr um poema, qual é o pelo sr. Antonio Feliciano de Castilho intitulado — *Uma Primavera de Mulher*.

E não é que esta produccão deva ser qualificada como um poema, que de todo o ponto se conforme com as regras severas da arte... Não; o que admira no quadro escolhido pela poetisa, é a melodia da versificação, é a expressão feliz que pinta com delicado colorido os encantos da natureza, é a revelação do sentimento do bello, é a gravidade que já se descobre nas reflexões, é a melancolia suave do sentimento religioso. Escutae:

Era uma tarde encantada
dessa estação namorada,
desse mez fascinador,
em que se ostenta garrida,
de mil galas revestida,
a natureza florida,
envolta em mago fulgor!
em que a verde laranjeira
em perfumes se desata,
ao soltar a flor da planta
à brisa doida de amor...
em que os lírios da campina
pendem a fronte divina
de alvas perlas adornada,
e uma voz misteriosa
entôa aos nossos ouvidos
essa harmonia saudosa
de um passado que morreu...
vago som de intima lyra
que nasce... vibra... e que expira
longe e bem alto! — no céu.

Admiravelmente o disse o sr. Thomaz Ribeiro: «este poema é apenas um preludio; é a tocadora da harpa que percorre todas as cordas e a experimenta em todos os tons: diz-nos que vae tocar e dispõe-nos a estarmos attentos. Este poema é um prologo que nos deixa absortos e curiosos. A promessa é grande; fica em aberto uma enorme divida».

Saudemos, pois, o alvorecer de um grande talento poetico, e esperemos, confiados; os fructos saborosos que o tempo ha de trazer-nos — lá do vergel encantado, donde já nos vieram tão lindas flores!

Lisboa, 3 de agosto de 1867.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO

O antigo editor do **Panorama**, desejando proporcionar aos actuaes srs. assignantes, e mesmo a quaesquer outras pessoas que o não sejam, a maneira de poderem possuir, sem grande sacrificio a colleccão completa des e interessante jornal, que conta hoje **15 volumes** publicados, deliberou, para esse fim, abrir nova assignatura, não alterando o preço que teve a antiga, sendo o custo de cada volume broxado 1300 réis, e encadernado 1600 réis, isto unicamente para aquelles que se inscreverem como assignantes. As pessoas que assignarem para esta obra receberão um ou mais volumes cada mez, conforme melhor lhes convier, sendo o importe dos mesmos pago no acto da entrega. E as que tenham a colleccão do **Panorama** incompleta, podem da mesma forma assignar para os volumes que lhes faltarem, bem como para qualquer numero que lhes faltar.

As assignaturas fazem-se nos seguintes locais:
Rua Aurea n.º 132 e 134; na redacção do PANORAMA, rua do Thesouro Velho n.º 6; e em todas as mais livrarias.

De quaesquer outras terras do reino podem dirigir-se, em carta franca, com o importe da assignatura em valles do correio, ao antigo editor, rua Aurea n.º 132, accresce ao preço da assignatura, o porte do correio que é de 750 para os volumes em broxura e 310 réis para os encadernados.

Em Coimbra, Porto, Braga e Vianna, em todas as mais.

Typ. Franco-Portugueza — Rua do Thesouro Velho, 6.